

**A Língua de Sinais Tátil na Comunicação Com Surdocegos: Por Um Efeito de
Modalidade Linguística**

**The Tactile Sign Language in Communication with Deafblindness: For an Effect of
Linguistic Modality**

Wolney Gomes Almeida¹

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Pensar a linguística das línguas de sinais a partir dos efeitos de modalidade linguística transcritas não mais pela referência da oralidade, pressupõe, para além de uma quebra de paradigma, a constituição de um olhar epistemológico sobre a própria concepção das línguas de sinais. Este estudo propõe alegar a possibilidade de uma modalidade linguística constituída a partir das bases estruturais da língua de sinais, quando o campo expressivo e receptivo deixa de ser oral-auditivo e visuoespacial, mas se estabelece a partir da taticidade háptica proposta pela comunicação entre falantes surdocegos. Trata-se, então, de estudo bibliográfico e analítico sobre a língua de sinais e suas estruturas linguísticas, tendo como marco teórico as concepções de modalidade linguística. Os resultados deste estudo pretendem iniciar uma discussão no campo da Linguística, ainda não abordada, sobre a possibilidade de uma legitimidade modal sobre as línguas de sinais a partir do aspecto tátil de sua comunicação no campo da surdocegueira.

Palavras-chave: Modalidade de língua; Libras tátil; comunicação háptica; surdocegueira.

Abstract: Thinking the linguistics of sign languages from the effects of linguistic modality transcribed no longer by reference to orality, presupposes, in addition to a paradigm break, the constitution of an epistemological look at the very conception of sign languages. This study proposes to claim the possibility of a linguistic modality constituted from the structural bases of sign language, when the expressive and receptive field is no longer oral-auditory and visuospatial, but is established based on the haptic tactility proposed by the communication between deafblind speakers. It is, then, a bibliographic and analytical study on the sign language and its linguistic structures, having as a theoretical framework the conceptions of linguistic modality. The results of this study intend to initiate a discussion in the field of Linguistics, not yet addressed, about the possibility of modal legitimacy on sign languages from the tactile aspect of their communication in the field of deafblindness.

Keywords: Language modality; LIBRAS tactile; haptic communication; Deafblindness.

Recebido em 10 de dezembro de 2021

Aprovado em 08 de Agosto de 2022

¹ Doutor em Educação. Pós-doutor em Educação Especial. Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Departamento de Letras e Artes- DLA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva. E-mail: wgalmeida@uesc.br

Introdução

Ao longo do desenvolvimento da Linguística enquanto campo da ciência que se ocupa em compreender os fenômenos da linguagem humana, e por todas as correntes teóricas que dela transcorrem, sejam das estruturalistas, das gerativistas, ou da linguística textual, bem como quanto às suas áreas correlatas de estudo, as estruturas da língua, foram-nos apresentadas majoritariamente a partir das formas de comunicação estabelecidas por línguas estritamente orais.

Considerando que a Linguística, até se constituir enquanto ciência, sempre estabeleceu uma relação estreita entre a língua, objeto de sua observação, e outras áreas correlatas ao conhecimento científico e ao conhecimento popular. Daí, temos como primeira observação que, a ciência da linguagem não é, em si, o pressuposto primeiro estabelecido entre o objeto 'linguagem' e o desenvolvimento humano, fato este legitimado pelas variadas formas de comunicação que o homem sempre estabeleceu entre seus pares desde os tempos mais remotos, estabelecendo assim trocas simbólicas compreendendo a constante necessidade pelos 'estudos da linguagem'.

No bojo desta discussão, a Língua de Sinais e o seu reconhecimento linguístico, figuram novos olhares sobre os estudos linguísticos a partir dos estudos de Stokoe (1960), principalmente por considerar e reconhecer uma característica modal ainda não estabelecida neste campo da ciência, partindo dos aspectos visuais pelos quais a constituem, avançando sobre as considerações estruturais sonoras já legitimados pelas línguas orais. Importante considerar que anterior a este trabalho, têm-se o estudo de Tervoort (1952), que publicou uma tese de Doutorado considerada a primeira descrição linguística da língua de sinais. Seu trabalho, contudo, não alcançou a mesma repercussão que o do Stokoe.

Neste momento, inquietados pela dinâmica das teorias linguísticas, e porque não pela dinâmica das próprias línguas, tentaremos refletir sobre os efeitos de modalidade que compreendem as línguas de sinais, e reconhecer que elas oferecem um campo de análise fértil para percepções outras, relacionadas às estruturas modais das línguas, e que tais estruturas diferenciam as concepções de uso, de gramática, de práticas sociais, e de todo contexto pelo qual elas se constituem.

Assim, da mesma forma como as línguas orais se estabelecem em sua modalidade oral-auditiva a partir dos registros orais e escritos entre os ouvintes, reforçaremos a legitimidade da modalidade visuoespacial das línguas de sinais, que também se estabelecem a partir de seus registros falados (articulados) e escritos (sistemas de escrita de sinais) para os surdos, e por fim, provocaremos uma reflexão necessária e pertinente sobre os canais articulatórios tanto para a comunicação expressiva quanto receptiva pelas quais são construídos e constituídos pelas línguas de sinais, contudo, para comunicação entre pessoas surdocegas.

A revisão bibliográfica necessária para direcionar este estudo, direciona uma pretensa análise de conteúdo a fim de compreender a Língua Brasileira de Sinais e sua estrutura linguística, a partir do elemento ‘modalidade visual’ para a comunicação de surdos, e, intrigantemente, o ineditismo de uma possível ‘modalidade tátil’ para a comunicação de surdocegos.

Com isso, não pretendemos, todavia, encontrar respostas sobre “como a linguística se aplica às línguas de sinais ou dá conta das línguas de sinais”, mas, essencialmente, sugerir perguntas e inquietações sobre “como as línguas de sinais podem contribuir para os estudos linguísticos?”.

É notório entre os estudos atuais no campo da linguística, a preocupação e a ocupação dos estudiosos em traçar um campo de intersecção existente entre as línguas orais e as línguas de sinais, sobretudo no que concerne ao que há em comum a partir dos pressupostos já delimitados pelas línguas orais e seus universais linguísticos. Tais elementos serviram como base comprobatória para legitimarem as línguas de sinais a partir dos correspondentes universais pelos quais são constituídas e que postulam o seu reconhecimento enquanto língua natural.

Desta forma, desde a primeira fase dos estudos linguísticos estruturais liderados por Ferdinand de Saussure, nomes como Bright (1970), Fishman (1971), Labov (1976), Berstein (1974), Marellesi (1974) e muitos outros incluíram em seu objeto de estudo, além do sistema interno da língua (as leis que regem a estrutura básica dos enunciados), outras dimensões como as do falante-ouvinte (produção, recepção e avaliação) e as condições da produção do discurso. Agregados a estes, os olhares de Skliar (2003), Quadros (2004), Fernandes (2005), Sacks (2002) corroboram sobre as línguas de sinais, reconhecendo que:

Os surdos geram línguas de sinais em qualquer lugar onde existam comunidades de surdos; é para eles a forma mais fácil e natural de comunicação. Além disso, a língua de sinais é altamente expressiva, tanto quanto a língua falada. No entanto, em sua obra “Vendo Vozes”, Oliver Sacks apresenta vários casos de pacientes que, devido a ambientes desfavoráveis (o que envolve o preconceito da sociedade em relação aos surdos, mas também outros fatores), desenvolvem suas capacidades linguísticas com mais tardar ou com maior dificuldade. (SACKS, 2002, p.25)

Atualmente, tendo legitimado o *status* linguístico das línguas de sinais, principalmente a partir da década de 90, iniciam-se investigações com o intuito de identificar não apenas o que é “igual”, mas também o que é “diferente” com o objetivo de enriquecer as teorias linguísticas contemporâneas.

Daí a proposta que se concretiza neste texto em traçar novos direcionamentos sobre a pergunta outrora estabelecida em “como a linguística concebe as línguas de sinais ou as caracteriza?”, passando a configurar em “como as línguas de sinais podem contribuir para os estudos linguísticos?”.

Tal mudança de perspectiva conduz nosso olhar para diferentes campos de investigação nas áreas de conhecimento atreladas à Linguística permitindo o desvelamento sobre as particularidades da modalidade das línguas de sinais, ampliando o espectro estrutural das línguas na medida em que nos possibilita a inquietação por investigar e comprovar possíveis variantes modais inerentes apenas às línguas de sinais.

Tal exercício é permitido pela investigação das línguas de sinais a partir delas mesmas enquanto língua complexa e completa, compreendendo tais estruturas a partir da modalidade visual para a comunicação dos sujeitos surdos, e, de maneira ainda mais inédita, buscando investigar a legitimidade teórica de uma modalidade tátil que, a partir da língua de sinais, possibilita a comunicação para os sujeitos que além de surdez, apresentam cegueira, a saber, os surdocegos. Assim, este trabalho se propõe inédito no campo dos estudos linguísticos brasileiros, visto que, ainda que reconhecida as modalidades oral-auditivas e visuoespaciais, a pretensa modalidade tátil ainda não se encontra reconhecida pelas investigações em âmbito nacional.

1. Legitimando a modalidade visuoespacial das línguas de sinais

A história das línguas de sinais no Brasil e no mundo foi desenhada durante um longo período a partir do não reconhecimento de suas características estruturais enquanto língua natural, uma vez que elas estavam alocadas no campo das linguagens enquanto formas de comunicação semelhantes às mímicas, pantomimas e/ou gestos isolados. Ao não considerar as semelhanças existentes com outros idiomas de línguas orais, construiu-se saberes em torno das línguas de sinais que corroboraram, e ainda corroboram, com práticas excludentes tanto sobre as línguas de sinais, quanto com os próprios falantes destas línguas.

Segundo Quadros (1997), as línguas de sinais são utilizadas pelas comunidades surdas no mundo inteiro e apresentam as mesmas características que as línguas orais. Todavia, as línguas de sinais são captadas através de experiências visuais das pessoas surdas e, portanto, nesse aspecto, se tornam distintas das línguas orais.

As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não se derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística. (QUADROS, 1997, p. 47)

A estas características visuoespaciais, que não são ‘derivadas’ das línguas orais, mas sim ‘correspondentes’ no que se refere às suas estruturas, levaram os estudos linguísticos ao reconhecimento de uma modalidade linguística de natureza própria, conforme nos apresenta Fernandes (2003):

As línguas são denominadas orais-auditivas quando a forma de recepção não grafada é a oralização. De outro lado, são espaço-visuais quando a recepção se dá pelo sentido da visão. Nos dois casos, mesmo diferentes os canais de recepção, cumprem a função de permitir a comunicação e a interação entre membros de um grupo cultural. A língua a ser utilizada – oral-auditiva ou espaço-visual - é adequada para o caso de comunicação entre ouvintes e surdos, respectivamente, pois atingirá os canais de recepção linguística específicos a cada sujeito, em seu contexto cultural. (FERNANDES, 2003, p.17).

Assim, aquilo que para muitos parecia um gesto ou mímica, e, portanto, sem organização estrutural e sistêmica, passa a ser compreendida a partir de sua legitimidade estrutural, reafirmando a possibilidade de organização de ideias, pensamentos e manifestação linguística entre surdos, e entre surdos e ouvintes. Conseqüentemente, os estudos linguísticos das línguas de sinais proporcionam outros campos de investigação, a saber, as áreas da aquisição de linguagem, tradução e interpretação, dentre outras, contribuindo ainda mais para a legitimação da língua e da sua modalidade.

Tendo reconhecida a modalidade visual das línguas de sinais, a Linguística reconhece, para a comunidade de surdos, a relação intrínseca existente entre língua e identidade cultural, uma vez que a aquisição de um sistema linguístico supõe, como afirmam Quadros (1997) e Góes (2002), a organização/reorganização de todos os processos mentais do sujeito. Ora, se os sujeitos surdos apreendem o mundo a partir do canal visual, logo, uma língua de modalidade visuoespacial constituirá um fundamental instrumento de comunicação linguística sensorial, individual e coletiva, de generalizações ou categorias na organização e expressão de seus pensamentos.

Com isso, para Bernardino (2000) e Brito (1995), a linguagem, na sua forma estruturada de língua, apresenta-se, assim, como fator de formação da consciência. Permitindo pelo menos três mudanças essenciais à criatividade consciente do homem: ser capaz de duplicar o mundo perceptível, assegurar o processo de abstração e generalização, e ser veículo fundamental de transição e informação.

Sendo reconhecida pela Linguística como língua natural para a comunidade surda, Quadros e Karnopp (2004, p.30) conceitual a língua natural como “um sistema linguístico legítimo e não como um problema surdo ou como uma patologia da linguagem”, confirmando o atendimento que estas línguas de sinais cumprem no campo linguístico para os aspectos do léxico, da sintaxe e da sua capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças, bem como comprovou Stokoe em seus estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL).

Assim, a modalidade linguística das línguas de sinais permite que o processo de aquisição de língua por parte dos surdos se estabeleça ‘naturalmente’, ‘espontaneamente’, em contato com outros sujeitos falantes destas línguas, da mesma forma como ocorre com os ouvintes a partir da modalidade oral-auditiva correspondente às línguas orais. Daí, a compreensão por partes destes linguistas, em reconhecer a língua

de sinais como primeira língua para esses indivíduos, que aqui também chamaremos de ‘língua de domínio’, partindo destes mesmos pressupostos de aquisição linguística.

Ora, se as concepções de modalidade de língua nos permitem avaliar a proporcionalidade existente entre as estruturas das línguas de sinais e as das línguas orais, possível também é entender que tais línguas são constituídas a partir do conjunto de elementos que podem ser estudados simultaneamente, tanto na associação paradigmática como na sintagmática, bem como postula os estudos saussurianos ao compreender a linguagem como fator social e individual.

Com isso, o linguista afirma que “a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua” (COSTA, 2008, p.116).

A interlocução estabelecida a partir dos estudos da Linguística nos permite estabelecer relações contributivas da ciência para com os estudos de cada língua isoladamente. E, para isso, reforçamos o caminho necessário que aqui tentamos traçar em olhar para a cada língua (e em especial a língua de sinais) e dela ampliar os estudos da própria Linguística. Se para Saussure (1995, p.13), a Linguística pretende “fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família”, pretendemos apontar para as línguas de sinais como norteadoras de elementos modais que nunca foram passíveis de observações por parte das línguas orais, constituindo-se também como línguas-mães e partícipes na construção e descrição histórica das famílias de línguas, segundo a visão saussuriana.

Quadros (2004), ao considerar que as línguas humanas, estruturalmente, são constituídas de níveis linguísticos e sistêmicos hierárquicos, descritos assim pelos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, compreendendo que as frases são constituídas de palavras, e estas por uma sequência de unidades de significação, aponta para a importante contribuição dos estudos de Stokoe (1960) ao identificar as unidades mínimas equivalentes entre as línguas orais e as línguas de sinais, a partir dos chamados ‘Parâmetros linguísticos’.

Assim, os estudos que estabeleceram nos últimos 50 anos têm revelado semelhanças profundas entre as línguas orais e as línguas de sinais, mesmo com

modalidades distintas. São estudos que comprovam similitudes nos níveis sintáticos, de processamento de língua e de sua aquisição.

2. Desenhando um (possível) estado da arte

Alguns estudos foram importantes para a construção do reconhecimento da modalidade linguística das línguas de sinais, e que abriram caminhos para revelar novas descobertas que aqui pretendemos apontar, mas que, certamente, carecem de maiores investigações e pesquisas.

Desta forma, uma tentativa de apresentar um estado de arte, ou estado do conhecimento, se assim o caro leitor preferir, terá como ponto de partida os estudos linguísticos de William Stokoe (EUA), que em 1960 apresentou a primeira análise linguística da Língua de Sinais Americana (ASL), evidenciando as combinações das unidades mínimas visuais (Configuração de mãos, Locação e Movimento) que resultavam na construção do léxico dos sinais. Estas características ‘visuais’, com comportamento linguístico, sistêmico, estruturado, são a primeira evidência modal correspondente às línguas, desmitificando a ideia de que, ao ser articulado gestualmente, o sinal se resume às definições da mímica e dos gestos enquanto linguagem não estruturada.

Ainda nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, os linguistas Robbin Battison (1974), Edward S. Klima & Ursulla Bellugi (1979) conduziram estudos mais aprofundados sobre a gramática da ASL, especificamente sobre os aspectos fonológicos, descrevendo um quarto parâmetro: a orientação da palma da mão (O) (GESSER, 2009, p. 14).

Para Battison (1974), a orientação de mão evidencia também um aspecto fonológico da língua de sinais a partir das mudanças lexicais existentes a partir das distintas direcionalidades da palma das mãos durante a execução dos sinais, bem como a condição de simetria e de dominância existente em sinais executados com duas mãos em distinção daqueles executados com uma apenas. Enquanto que para Klima e Bellugi (1979) vinculavam este parâmetro às características mais detalhadas de derivação e de flexão existentes no léxico quando da alteração de sua direcionalidade.

Em 1980, Liddell avalia a sistemática dos parâmetros linguísticos das línguas de sinais e apresenta as expressões faciais como componente constitutivo para os sinais, atribuindo a estas uma função lexical e gramatical, coadunando aos parâmetros linguísticos que reconhecemos até hoje. Quatro anos mais tarde, o linguista apresenta uma análise sobre a sequencialidade dos sinais e dos componentes não manuais que também são correspondidos pelas expressões corporais apresentando funções gramaticais nas estruturas dos léxicos e das sentenças.

Aliados ao linguista Liddel, em 1989 Johnson e Sandler reafirmam os modelos sequenciais agregando a função analítica da concordância a partir das funções morfológicas pelo parâmetro ‘locação’, enquanto as análises sintáticas das línguas de sinais são apresentadas em 1991 por Lillo-Martin, que pauta seus estudos e reflexões a partir dos princípios da linguística gerativa. No mesmo caminho, em 2000 outros pesquisadores corroboram com os estudos da sintaxe da língua de sinais americana, avaliando as marcações manuais e não manuais para a marca de traços sintáticos abstratos. São estes: Neidle, Kegl, MacLaughlin, Bahan e Lee.

No Brasil, os estudos linguísticos das línguas de sinais têm início nos anos de 1995 a partir das pesquisas de Ferreira-Brito, conduzindo seus olhares para as características de uma modalidade visuoespacial que implicam nas estruturas teóricas da linguística estrutural.

Karnopp e Quadros (1994, 1995, 1999) apresentam uma investigação fonológica nos processos de aquisição de línguas de sinais e da classificação dos verbos com a presença ou não de suas marcas de concordância a partir de suas características ‘visuais’. Ambas complementam suas pesquisas linguísticas em 2004 ao publicarem a obra *Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos*, apresentando de forma sistemática a descrição linguística da língua de sinais brasileira (LSB) por meio dos níveis fonológico, morfológico e sintático.

Ao analisarmos as funções descritivas comprovadas pelos parâmetros linguísticos das línguas de sinais, importante se faz apontarmos para a característica ‘visual’ destes elementos, pela qual modelamos teoricamente para uma comprovação de modalidade linguística distinta das línguas orais. Ora, se tais parâmetros linguísticos das línguas de sinais correspondem às funções fonológicas e/ou morfológicas constituintes nas línguas orais, e se línguas de sinais são compreendidas tanto para uso de uma

comunicação expressiva quanto receptiva, a modalidade ‘visuoespacial’ destas línguas revelam toda legitimidade modal pela qual dela são constituídas.

3. Efeito de Modalidade linguística tátil – haverá uma terceira modalidade de língua?

À medida em os estudos sobre os efeitos de modalidade de língua no campo das estruturas linguísticas têm se ocupado em identificar e comprovar as semelhanças e diferenças existentes entre línguas orais e línguas de sinais, temos encontrado as várias contribuições dadas pela ciência na comprovação e legitimidade linguística para línguas que não apresentam interface articulatório-perceptual a partir dos canais orais e auditivos.

Apenas falamos uma língua quando, e somente si, articulada oralmente?

Os estudos linguísticos das línguas de sinais já nos permitem responder a esta inquietante indagação. Não! Uma língua pode, sim, ser falada, mesmo que seus canais articulatórios sejam discriminados pelas mãos/corpo e os canais perceptuais sejam compreendidos pelo canal visual. Assim se estabelece a comunicação entre sujeitos surdos em diversos níveis de complexidade e abstração. Falamos então de uma modalidade, que para a língua de sinais se constitui, legitimamente no campo da linguística, como uma língua de modalidade visuoespacial.

Para Meier (2009) os efeitos de modalidade são, de modo geral, as consequências que os canais físicos produzem nos processos do sistema linguístico produzido. Por exemplo, um sistema linguístico produzido por sons terá que necessariamente ter uma natureza linear por não haver a possibilidade de produzir sons diferentes ao mesmo tempo. Pronunciar a palavra “mãe” e “mão” ao mesmo tempo é praticamente impossível. Diferentemente, em línguas de natureza espacial, com dois articuladores ativos, como as mãos, é possível, mesmo com certas restrições, a produção de sinais de forma simultânea

A pergunta que aqui tentamos provocar é: quando a língua de sinais é falada entre sujeitos com surdocegueira, e que, por consequência, não apresentam o canal visual como elemento preceptor na comunicação, mas sim a percepção tátil, de qual

modalidade linguística estamos nos referindo para o uso desta língua de sinais entre os sujeitos?

Quando Padden (1988) discute a respeito do ‘espaço’ nas línguas de sinais enquanto unidade lexical, e que Liddell (1990, 1995) argumenta que essas marcações de espaços para identificar pronomes devem ser feitas a partir de ‘entidades mentais’ (pictóricas) uma vez que não há necessidade de definição de *locus* fonológico e morfológico, acrescentamos à nossa inquietação a(s) seguinte(s) questão (ões):

- Como demarcar o espaço na língua de sinais para surdocegos uma vez que os referentes pronominais não poderão ser demarcados a partir de ‘entidades mentais’?
- Como identificar a *dêixis*, e marcações não manuais das línguas de sinais, quando o surdocego não recebe mentalmente as informações pela não percepção visual?
- A modalidade da língua de sinais de sinais, que até o momento se designa visuoespacial em função do uso comunicativo de sujeitos surdos, não se apresentaria a partir de outro modo perceptual para os surdocegos?

Quando analisamos as formas de comunicação utilizadas por pessoas surdocegas e as possibilidades que as línguas de sinais apresentam aos surdocegos com múltiplas deficiências, vamos construindo novas possibilidades de análises estruturais dessas línguas e dessas formas de comunicação que implicam diretamente na modalidade sobre a qual os sujeitos com suas especificidades são determinantes.

Ao partirmos, por exemplo, para a análise do uso do alfabeto datilológico tátil enquanto componente linguístico das línguas de sinais verificamos que os sujeitos surdocegos determinam o ponto de sensibilidade que melhor lhes possibilitam a percepção das informações.

Enquanto alguns optam por realizar a leitura datilológica na palma da mão, conforme Figura 1 abaixo, outros podem optar pela leitura no antebraço, caso o ponto de sensibilidade preceptora seja neste local, conforme Figura 2. Normalmente, nestes casos, os sujeitos surdocegos apresentam outras deficiências motoras ou neurais que

dificultam a articulação das mãos e/ou a sensibilidade comum nas pontas dos dedos e palmas das mãos.

Figura 1. Alfabeto datilológico tátil



Fonte: Arquivo do autor

Figura 2. Escrita no antebraço



Fonte: Arquivo do autor

Outra questão levantada em nossas inquietações refere-se às informações que linguisticamente estão atreladas às marcas não manuais das línguas de sinais. Enquanto

Liddell apresenta tais referências enquanto componentes essenciais nas estruturas lexicais das línguas de sinais, e denominando-as de ‘representações espaciais mentais pictóricas’, entendemos que essas marcações, quando implicam na concordância sintática das línguas de sinais, repercutem essencialmente sobre as questões de nível articulatório-perceptual.

Assim, quando identificamos que as marcas não manuais das línguas de sinais, sejam ao apresentar incorporações negativas ao léxico, ou às marcas de representação espacial mental pictóricas através das expressões faciais afetivas e gramaticais, sejam lexicais ou sentenciais, conforme Quadros (2008), percebemos que tais marcas se configuram, tanto no campo articulatório quanto no campo perceptual, com características distintas para os surdocegos em detrimento da comunicação com surdos. Assim, muitas vezes, as expressões faciais deveriam ser apresentadas ao surdocego, fazendo-o tocar no rosto ou corpo para que se percebam tais marcas. Ver figura 3:

Figura 3. Sinalização de negação



Fonte: Arquivo do autor

Outra característica, e aqui apontamos como essencial para refletirmos a existência de uma terceira modalidade linguística, apresenta-se pela característica preceptora da língua de sinais quando nos referimos à ‘comunicação háptica’.

O Sistema háptico vai além do tato e é um dos mais complexos meios de comunicação entre o mundo interno e externo do homem. O sistema háptico está relacionado com a percepção de textura, movimento e forças através da coordenação de esforços dos receptores do tato, visão, audição e propriocepção.

A função háptica será designada pela exploração ativa do ambiente, e, segundo Mauerberg-Decastro (2004) e outros estudiosos do campo de orientação e mobilidade, reconhecem subsistemas importantes no campo háptico, quais sejam:

- Sistema sinestésico – proporciona a consciência da postura corporal através de informação vinda de receptores dos músculos, da pele e das articulações.
- Sistema cutâneo – proporciona noções extracorpóreas capturadas na superfície da pele.
- Sistema proprioceptivo háptico – dá fluência às ações coordenadas através das sinergias musculoesqueléticas.
- Sistema visual háptico – atua num nível de alta ordem que guia os movimentos a alvos visualizados. Ele detecta profundidade por causa da disparidade binocular, movimento de paralaxe, gradiente de textura e sombras.
- Sistema auditivo háptico – fornece informações auditivas de vital importância sob restrição da visão.

Para o campo de comunicação com surdocegos, conforme Figura 4, o sujeito receberá informações que representarão sentimentos, sensações, ou outras informações preestabelecidas entre os interlocutores (surdocego e guia-intérprete).

Figura 4: comunicação háptica



Fonte: <http://librasgerais.com.br/sobre-lingua/index.php>

Assim, o sistema háptico permitirá ao surdocego a recepção de informações em espaços não manuais (costas) que possibilitam a recepção das informações que, correspondentes às línguas de sinais, seriam não manuais: intensidade, sentimentos, euforia, marcações de identidade/identificação de personas.

Considerações finais

É comum ouvirmos a afirmação, segundo a qual é próprio à língua o seu aspecto mutável e evolutivo. Tais mudanças decorrentes do processo evolutivo das línguas são compreendidas a partir da característica dada às línguas naturais, vivas, pelas quais estarão em constante movimento, variações e numerosas possibilidades de realização da língua, que perpassaram ao longo da história, pela compreensão posta sobre as línguas faladas (oralmente) e escritas frente ao que se prescreve pela gramática normativa.

Contudo, o que podemos já concluir é que todas as variedades linguísticas são ocorrências dos diversos fatores inerentes a quem faz uso de uma de outra língua, sobressaindo assim, os fatores sociais e subjetivos pelos quais as línguas estão subinscritas.

Assim, há variáveis próprias do falante, que são sua origem geográfica e sua classe social, o que configura o que se pode entender como dialeto. Outros dados, porém, são típicos dos diversos contextos de comunicação em que o usuário se integra durante o seu dia. Esses são chamados de registros ou níveis de fala (PRETI, 1994) e se configuram pelo maior ou menor grau de formalidade ou informalidade.

Embora muitas pesquisas tenham se ocupado em atender linguisticamente às comprovações da segunda modalidade de língua apresentada pelas línguas de sinais, vimos através dessas reflexões, ainda em sua gênese, alegar a possibilidade linguística apresentada por línguas de sinais para surdocegos a partir de uma terceira modalidade de língua, que inicialmente chamaremos de modalidade háptica ou modalidade tátil.

Esperando responder ao que no início deste texto apresentamos como proposta em tornar a língua de sinais objeto de estudo para contribuir com a própria Linguística, sabemos que muito ainda temos a investigar, reforçando a importância de conhecimento da própria língua de sinais que, para além das similaridades existentes entre elas as

línguas orais, são, sobretudo, instrumento essenciais para compreensão dos princípios que regem a linguagem humana.

Referências

BATTISON, Robbin. *Phonological Deletion in American Sign Language*. Sign Language Studies 5, 1974.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. *Absurdo ou lógica? A produção linguística do surdo*. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.

BRITO, Lucinda Ferreira. Língua brasileira de sinais - UBRAS. In: BRASIL.Ministério de Educação. Secretaria de Educação Especial. *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental*. Brasília, 1995.

COSTA, M.A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

FERNANDES, E. *Linguagem e Surdez*. Artmed, 2005.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. *Linguagem, Surdez e Educação*. Campinas SP Brasil: Editora Autores Associados, 2002.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursulla. *The Signs of Language*, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.

LIDDELL, Scott K. *THINK and BELIEVE: sequentiality in American Sign Language*. Language 60, v.2, 372-399, 1984.

LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. *American Sign Language: The Phonological Base*. *Sign Language Studies* 64, pp. 197–277, 1989.

LIDDELL, S. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space in ASL. In *Sign Language Research - Theoretical Issues*. Gallaudet University Press. Washington, 1990.

LILLO-MARTIN, D. QUADROS, R. M. e PICHLER, D. C. *Clause structure in American Sign language and Brazilian Sign Language*. Talk presented in *Gebärdensprachen : Eine cross-linguistische Perspektive*. Germany, Mainz, 1991.

MAUERBERG-deCASTRO, Eliane Mauerberg. *Atividade física Adaptada*. São Paulo, Editora Tecmedd, 2004.

MEIER, Richard P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech. In: MEIER, Richard P.; CORMIER, Kearsy; QUINTO-POZOS, David. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PADDEN, C. Grammatical theory and signed languages. In *Linguistics: The Cambridge Survey* (Frederick J. Newmeyer, editor). New York: Cambridge University Press. 250-265.1988.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997. SKLIAR, C (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos* (vol I).Mediação, 1997.

QUADROS, R.M. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1999.

QUADROS, RONICE M. DE.; KARNOPP, LODENIR B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de, CRUZ, C. R. & PIZZIO, A. *Desenvolvimento da língua de sinais: a determinação do input*. Trabalho apresentado no 8º Congresso Internacional da ISAPL (Society of Applied Psycholinguistics). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Resumo publicado no Livro de Resumos, 2008.

SACKS, OLIVER. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990,1998, 2000, 2002.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da Educação Bilingue para Surdos* (vol I). Mediação, 2003.

SÁ,N.R.L. *Educação de Surdos: a caminho do bilingüismo*, EDUF, 1999.

STOKOE, W. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Maryland: Linstok Press, 1960.

TERVOORT, B. T. M. *Structurele analyse van visueel taalgebruik binnen een groep dove kinderen*. Amsterdam: Noord-Hollandsche, 1953.